

CURSO: FUNDAMENTOS DA PSICANÁLISE: teoria e clínica

TURMA: LONDRINA – 2022

ALUNO: Giuliano Almeida Gallindo

MÓDULO 3 – Conceitos fundamentais da Psicanálise / A formalização da Psicanálise

O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO LINGUAGEM – DE FREUD À LACAN

Esse trabalho pretende apresentar O inconsciente estruturado como linguagem, conforme o primeiro ensino de Jacques Lacan, que parte em seu seminário 1 da revisão de escritos técnicos de Sigmund Freud, aprofundando a teoria iniciada por aquele que ficou conhecido como Pai da Psicanálise. Freud nos apresenta diferentes conceitos como repetição, transferência, resistência e outros para explicar o funcionamento do que denominou de aparelho psíquico, onde como parte deste temos o Inconsciente, uma área desconhecida pelo próprio sujeito mas de grande influência em suas ações e reações cotidianas.

“O pensamento de Freud é o mais perpetuamente aberto à revisão. É um erro reduzi-lo a palavras gastas. Nele, cada noção possui vida própria.” (Lacan, p.9). O Autor destaca a obra *Interpretação dos sonhos* “efetivamente, algo de uma essência diferente, de uma densidade psicológica concreta, é reintroduzido, a saber, o sentido.” Lacan afirma que quando interpretamos um sonho estamos em cheio no sentido. O que falamos todo o tempo em análise é sobre a subjetividade do sujeito, nos seus desejos, na sua relação com o meio, com os outros e a própria vida. (Lacan, 1953).

Lacan constroi sua apresentação ao longo desse seminário ressaltando o papel da compreensão, significação, interpretação e análise do sujeito. Segundo ele, a situação analítica a qual a Psicanálise propõe é uma estrutura, isso quer dizer que, só através dela, certos fenômenos são isoláveis. Uma outra estrutura, a da subjetividade, da aos homens a ideia de que são compreensíveis para si mesmos. Cita como exemplo o superego, que é uma lei desprovida de sentido nas palavras dele, mas que só se sustenta na linguagem. O superego age a partir da leitura do sujeito sobre o mundo, o que pode, deve, ou não fazer, como um ritmista de escola de samba. O ideal da análise para Lacan então se torna não o de domínio completo de si, a proposta é tornar o sujeito capaz de sustentar o diálogo analítico.

A palavra, técnica tão falada por Freud desde os seus primeiros anos, como no caso de Anna O. e o papel que teve o esvaziamento através da fala para a sua recuperação e memória,

ou mesmo com o homem dos lobos, o que ele propõe é a reconstrução da história do sujeito, só assim pode-se conhecer o elemento essencial da análise. O processo de análise é então visto como uma tríade, analista, analisando e a palavra, como nos mostra Lacan. “Se a palavra é tomada como ela deve ser, como ponto central de perspectiva, é numa relação a três, e não numa relação a dois, que se deve formular, na sua completude, a experiência analítica.” (Lacan, 1953). A história portanto, do ponto de vista de Freud, não é o passado, o que conta aqui é o que o sujeito reconstrói de seu passado, dos eventos formadores da sua existência.

O progresso de Freud, a sua descoberta, está na maneira de tomar um caso na sua singularidade, diz Lacan. O caminho da restituição da história do sujeito toma a forma de uma procura de restituição do passado. Essa, deve ser considerada como um ponto de mira visado pelas vias da técnica. O essencial na análise é a de reconstrução, importa menos o que é lembrado, mas como o sujeito reescreve essa história, o que ele possui (ou consegue trazer) atualmente para consciência. Freud define o Ego, como sendo o Eu (a verdadeira essência da pessoa), é em torno dessa concepção que gira o desenvolvimento da técnica analítica. Afinal, é apenas ao Eu que nos endereçamos, toda nossa comunicação é feita com ele, tudo passa por ali. Para Lacan (1953, p. 27), “o eu está estruturado exatamente como um sintoma. No interior do sujeito, não é senão um sintoma privilegiado. É o sintoma humano por excelência, a doença mental do homem.”

Para Freud, é o Ego quem maneja as pulsões, e a força da resistência se mostra inversamente proporcional a distancia em que nos encontramos do núcleo do recalcado, quando tratamos de resistência, estamos falando da relação consciente – inconsciente, sempre ligada a noção de Ego. A atividade do analista irá desenvolver-se no interior desse tratamento, tudo que vem a suspender o tratamento para Freud é resistência, segundo ele o recalcado é o passado, esse é o centro de gravidade do sujeito, o passado, a que chamamos história. A resistência aparece como essa inflexão do discurso ao se aproximar do núcleo. (Lacan, 1953) A questão principal que podemos levantar com isso é, quem é o sujeito do discurso?

O que vemos Freud tratar em seus escritos técnicos é sobre a realização da verdade do sujeito, como sendo uma dimensão própria que deve ser destacada na sua originalidade em relação à noção mesma da realidade e vai mais além defendendo que a análise como ciência é sempre uma ciência do particular.

A transferência na relação analítica vai surgir quando alguma coisa, entre os elementos do complexo, é susceptível de se reportar à pessoa do médico, a transferência ocorre, fornece então a ideia seguinte e se manifesta sob a forma de uma resistência, de uma parada das associações, por exemplo. Segundo Freud, todas as vezes que nos aproximamos de um

complexo patógeno, é antes a parte complexa que pode se converter em transferência que é empurrada em direção ao consciente e que o paciente se obstina em defender. (Lacan, 1953, p. 58). Ele apresenta que a resistência não necessariamente aparece em conteúdos complexos, ou situações complexas, ela irá se revelar mesmo em lugares que podem ter importância apenas tática. A transferência se trata portanto da atualização da pessoa do analista, a presença que esse ocupa na relação dialética.

Retornando ao ponto principal desse trabalho, a apresentação de diferentes conceitos trazem a luz o que se trata exatamente um processo de análise, a linguagem que traz a tona os conteúdos inconscientes, esse que só podemos visualizar pela fala. A palavra é a mediação entre o sujeito e o outro, implica a realização do outro nessa mediação. É na medida em que a confissão do ser não chega ao seu termo que a palavra se lança inteiramente. Os sonhos são vistos como emergência de uma palavra verídica, por isso se diz que são a realização de desejos, é o inconsciente, sem suas defesas, recalques, isso que se conversa através do sonho.

A palavra é revelação, o inconsciente se expressa por deformação, distorção, transposição da palavra. A resistência se produz no momento em que a palavra de revelação (aquilo que procuramos na experiência analítica) não se diz, onde o sujeito não tem mais saída. A palavra “toma o outro” como testemunha, e o Eu, como sabemos, se constitui na relação com o outro. Ele é seu correlato, ao nível que o outro é vivido situa exatamente o nível no qual, literalmente, o eu existe para o sujeito (Lacan, 1953). Vamos em busca no processo de análise, a partir da fala, quem é aquele que, para além do eu, procura fazer-se reconhecer.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. A interpretação dos sonhos - Obras psicológicas completas de S. Freud: edição standard brasileira – Rio de Janeiro, Imago, (1900), 2001.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria – Obras psicológicas completas de S. Freud: edição standard brasileira – Rio de Janeiro, Imago, (1893/1895), 1996.

Lacan, J. O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. [Versão brasileira de Betty Milan]. – 2ª Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.